

MEMÓRIA

AFRÂNIO PEIXOTO, O FILÓLOGO E O CAMONISTA

Palestra realizada na Academia Brasileira de Filologia pelo Acadêmico Jacques Raimundo, publicada no Jornal do Commercio de 13 de junho de 1948, domingo.

Era pouco mais que menino, se andava pelos quinze anos, quando conheci a Afrânio Peixoto. Não tinha ele ainda alcançado os trinta. Estava, havia pouco, no Rio de Janeiro e frequentava a nossa casa, como médico e amigo, dialeto amigo. A esse tempo clinicava ainda e com entusiasmo. Entre a sua bagagem de obras sobre ciência, trazia-nos a sua *Rosa Mística*, editada na Alemanha, em sete cores, como uma dissipação policrômica.

Rosa Mística fora o seu projeto profano, como a influência dos simbolistas. Mas o que já era, sendo-o ingênito, como dom precioso, era o colucotor, o palestrador admirável e insuperável.

Quando ia ver-nos, levando-nos o seu cuidado profissional, deixava-se ficar, deliciando-nos com o encanto da sua palavra. Eu embevecia-me ouvi-lo e daí data a minha admiração e a nossa amizade. Colocava casos e coisas da Bahia, de quando estudante e já médico também, depois de 1897 Um aniversário seu, enfatiotado de fraque, festejou-o ambulantemente, num bonde que alugara, e onde reunira colegas e amigos. Fora uma nota estranha, que teve o rumor do escândalo, mas dentro do veículo, no alarido da alegria, comeu-se, bebeu-se, falou-se, recitou-se, consagraram-se nomes de escritores e cientistas. Foi uma comemoração insólita como se pudera imaginar um nefelibata.

Nessa altura, Afrânio tinha por ídolo nas letras a Eugênio de Castro, o vate de Coimbra, e somente reputado pela experiência dos versos. Por sua vez, Eugênio de Castro, digno de ser imitado como poeta, tinha extravagâncias como poeta e esquisitices como homem: se na ganga dos poetas lhe excediam os fios do ouro mais puro, nevoava-se-lhe não raro o pensamento em frases que sabiam a como enigmas. Como nefelibata, título que inventara para si, chamando-lhe palavrão, figurava-se vem o cavalheiro errante entre as nuvens, pelos espaços, e, quando descia a terra, irritavam-no os elogios.

Por isso, nunca respondeu a uma carta, havendo recebido milhares. Tais esquisitices e extravagâncias, sabidas dos seus adeptos, excitavam a estes o desejo de imitá-las, ou de se inventarem outras que as suplantassem. Daí o ter ideado Afrânio uma festa movimentada, realmente movimentada, se fora num veículo a rodar

sobre trilhos... O próprio Afrânio contava-a, comentando-a com chiste: Afrânio não renegou nunca as estúrdias da mocidade, nem via nelas deslustre. Até são necessárias, acrescento eu, para que se encha e até se desculpe a mocidade, se irrequieta. Quem não as teve, ou, se as teve, as esconde, ou não viveu a mocidade, como devera, ou se envergonha de si, envergonhando-se da sua mocidade. Foi de certo um inútil, sem o preito que ela merece, como o melhor na fortuna da vida.

Rosa Mística é de 1900, ou de quando Afrânio tinha vinte quatro anos. Depois da *Rosa Mística*, silenciara quanto às letras profanas, como se dizia no seu humor esvoaçante. Foi depois de 1909 que as retomou, num voto com que a satisfizesse a compromisso, a que tinha obrigado. Melhormente direi que foi depois da morte violenta de Euclides da Cunha. Há episódios que o destino arma, parecendo que não venham ter nenhuma significação na vida do homem. Um desses houve com respeito a Afrânio, tendo parte nele eu, com Bilac e Ernesto Sena. Vale a pena o recordá-lo. Fora numa madrugada, chuvosa e fria, em que fui à casa de Afrânio, indo acordá-lo. Morava ele na rua das laranjeiras, quase à esquina da de Soares Cabral, e em frente ao instituto dos Surdos e Mudos. Morava com Carlos Peixoto, Miguel Calmon, Afrânio de Andrade e creio que ainda com James Darcy. Era a madrugada de 16 de agosto de 1909, pelas quatro horas. Na véspera tinha sido morto Euclides da Cunha. Saindo do necrotério de Santa Luzia, onde se deixara o corpo do autor dos *Sertões*, os três partimos à cata de Afrânio, depois de uma escala em casa de Coelho Netto, na Rua do Roso. Afrânio era então o diretor do Instituto Médico-Legal e iam pedir-lhe que ele próprio procedesse à autópsia pelo amanhecer, para que se não demorasse o enterro. Mal pensávamos que tal procedimento marcaria o primeiro passo para o retorno de Afrânio às letras profanas. Afrânio, a esse tempo, às voltas com as coisas da ciência, cogitava apenas da respectiva literatura, a que chamava sagrada.

Esse episódio, relembra-me Afrânio uns pares de anos depois, contribuía o seu muito para que entrasse para a Academia Brasileira. Pouco depois do passamento de Euclides, como planeara, Afrânio empreendeu uma viagem ao sul da Europa e ao Oriente próximo. Na sua ausência e à sua revelia, Mário de Alencar imaginou fazê-lo o sucessor de Euclides, na Academia. Numa fraude, em que não há o que censurar, ditada pela piedade do afeto, Alencar alistra-o entre os candidatos à vaga. Afrânio antes de partir, entregara-lhe a carta com que se apresentava, mas ele se havia descuidado perdendo-a. Acreditaram-no e aceitou-se a inscrição, se o prestígio de Alencar era como o de um cônsul dominador.

Passando por Nápoles, rumo do Egito, Afrânio avistou-se com Aluísio Azevedo, que ocupava um cargo diplomático na Itália. Aluísio, que tinha recebido uma carta de Almáquio Dinis, a respeito deste falara ao itinerante, que exagerou encômios ao escritor, seu conterrâneo, aconselhando a que lhe desse o voto.

Andou pela terra dos faraós, visitando nos areais a Esfinge e a pirâmide de Quéops; tornou ao Cairo, do Cairo viajou até a Palestina, vendo os lugares santos, e voltou a Nápoles, Aluísio, que tivera uma carta de Mário de Alencar, ao rever Afrânio, exprobrou-lhe o silêncio quanto à candidatura.

Afrânio sorriu, espantado com a zanga de Aluísio, pois não era candidato. Aluísio entrou em minúcias, mostrando-lhe a carta de Alencar, e Afrânio estarreceu com a atitude amorável do amigo distante, se nem aspirara a ser candidato! Ao chegar ao Brasil, soube que a cabala de Alencar surtira efeito, se o haviam elegido acadêmico.

Estava feito o regalo, honroso regalo, e não lhe cabia já senão o agradecimento, justificando a honraria, que lhe impunha deveres. Creu que lhe não bastavam só para a merecer os trabalhos sobre ciência. Dentro em pouco, divulgava em letra de forma o seu primeiro romance, a *Esfinge*. O nome, correlacionando-se o assunto, como lembrança, fora talvez sugestão da sua recente viagem. Ao lado do cientista, afamado já no estrangeiro, por seus trabalhos em francês, ressurgira em boa hora o homem de letras. *Esfinge* teve a sua voga e tamanha que no mesmo ano da sua aparição, em 1911, se traduziu para o espanhol, em Buenos Aires. A fraude de Mário de Alencar, exaltada na afeição, constringendo a Afrânio a novos compromissos, dotara a Academia com o valor invulgar do pujante romancista.

Quanto a Afrânio, descobrira-se ele de novo, reconhecendo os antigos pendores. Não se contentou apenas com a glória do romance e deu-nos as primícias do ensaísta brilhante em *Poeira da Estrada*. E na estrada que perlustrara, não se levantou a poeira comum, mas a luminosa poeira do ouro precioso. O crítico e o pesquisador revela-nos o erudito útil e prudente. Daí, por diante, sobreando as perquirições, delicia-nos sempre com a segurança da lição de trabalhos lindos e notáveis. Não tardou muito que o Camões lhe merecesse a atenção e o entusiasmo. Tão grande foi um quanto a outra, e a ponto que no ardor se arrasta a criar a *Sociedade de Estudos Camonianos*, que em suma era ele só, multiplicado na escolha e no trato dos assuntos.

Foi como camonista que Afrânio teve o seu lugar na Academia Brasileira de Filologia, a nossa Academia, que lhe confirma hoje o preito da saudade, prova do respeito da sua admiração. Nesta Academia, quando da organização, inspirada por Altamirano Nunes Pereira, o seu verdadeiro fundador, reproduziu a atitude de Mário de Alencar, sugerindo a inclusão de Afrânio. Logo se dispôs com o seu aplauso a maioria dos que se agrupavam em torno de Altamirano Nunes Pereira.

O culto a Camões, se o reputava o nosso maior camonista, reputara-o como filólogo, justa e incontrastável consagração, e o seu nome ilustre seria, como foi, grave motivo de fiança para o êxito da Novel agremiação. Vem a ponto de dizer que de há muito o agitavam, como a espectador, os pruridos da filologia. A iniciação, em geral, pronuncia-se pelo trato com as palavras, catando-se-lhes as significações e crescendo a curiosidade com o registro de abonos colhidos nos escritores, supostos os melhores. Em 1912, aproveitando lazeres durante empreendimentos científicos, Afrânio deranos o *Vocabulário Médico Popular do Brasil*, repositório de excelente observação dos clássicos em confronto com a linguagem corrente. João Ribeiro, o nosso sábio João Ribeiro, numa referência ao jovem cientista baiano, obtemperava com agudeza: “Esse Afrânio, perspicaz e lúcido, lendo os clássicos apenas por mero desprazer de prazer, anda a esmiuçar muita beleza que tem escapado aos lidadores constantes da

boa linguagem. Como autor de ficção, estreou como vigoroso romancista. Mas é insaciável; a sua inteligência se inquieta, parece que se não limita.” Reproduzo, tanto quanto possível, com a atenção da fidelidade, as palavras do mestre. Disse-as numa roda em que, entre outros, se achavam Alberto de Oliveira, Melo Morais Filho e mais, na antiga Livraria Garnier. Creio que também Pedro Augusto Pinto, aí vivo para o testemunho.

Eu frequentava a amizade de Alberto de Oliveira e costumava ir vê-lo nas como tertúlias, à tarde, na história livraria. João Ribeiro, a essa altura, citou o caso da palavra *calma*, que Afrânio acabara de esclarecer com exemplos clássicos, indicando-lhe o exato sentido etimológico, o de calor ou queimor. Já quanto à *doença e moléstia*, entre profissionais, Afrânio distinguira a propriedade de quando se empregar uma ou outra palavra. Assim, muita coisa numa abundante riqueza semântica.

Não se insinuava já, mas atestava-se experiente o filólogo. Este rematar-se na exaltação camoniana, na argúcia com que apreciava o folclore, no historiador atilado e sutil. João Ribeiro não restaria só, houve de encontrar em Afrânio um êmulo, digno e eficaz. Respeitavam-se com admiração, não se disputando a primazia. Tive a ambos como mestres e amigos, tributando-lhes a minha estima, e maravilhando-me de os ter como amigos e mestres.

O que mais portentava era que os dois se completavam, um tendo precedido, ao desbravar o caminho, o outro tendo chegado depois, ao prosseguir no caminho. João Ribeiro, como gramático, apontara a verdade, trazendo à colação o fulgor dos fatos e desarmando a petulância inútil das nomenclaturas aos reveres, faturadora da esterilidade dos que aprendem uma língua. Afrânio foi-lhe na pista, ganhando-lhe a nobreza do exemplo. No íntimo era um gramático, sabendo valer-se dos fatos reais na sinceridade espelhante da expressão, ao falar ou ao escrever. Esta a finalidade social e política de um instrumento prodígio de comunicação, em que palpita a realidade da beleza.

Afrânio, no recesso, preocupava-se constante com os problemas da língua, sem prejuízo da tolerância, que lhe era inata, assinalando-o superiormente. Doutra feita, dando conta à sua vaidade de brasileiro, reúne em volume as palavras de cunho regional, empregadas nos seus próprios trabalhos.

A vantagem do registro recomenda-se pela cristalinidade das explicações e dos comentários. Assim, os seus *Brasileirismos* fizeram-se imprescindíveis aos estudiosos do vocabulário nacional. Mais tarde, esmiuçando os prodígios da linguagem camoniana, acerta de chamar com segurança à língua de após o grande épico e lírico a *Língua-Camões*. Por certo que assim se devera dizer só do estágio magnífico da língua que o gênio de Camões renovara, tornando-a um monumento imperecível. Afrânio compreendera isto mais que todos, porquanto o compreendera como educador também. A atitude de Afrânio indica-lhe um voto mirífico, candente no esplendor. Espertando o interesse da língua e a compreensão, serviria a Portugal e ao Brasil na aproximação necessária. A unidade da língua fê-los um só quanto ao espírito e ao sentimento. Cumpre manter a conjunção dos dois povos, firmando-a no propósito

afetuosos de se cultuarem os nossos maiores. Camões moldara a língua como um símbolo, quando a renovou. Para nós, dúplice na essência, releva na importância da justiça, se a incerteza da pátria, quanto ao sentido e ao território, se deve à prudência da colonização e ao domínio da língua como fator de união.

O conceito de Afrânio sobre a filologia ajustava-se com o meu, sendo generoso e lato, se deve abranger ela quanto se relacione com a língua, numa minúcia ou na generalidade. Para ele o historiador, deminutando os casos e as ações de um povo, indicia serviços caros ao estudo da língua que se fale. È a estima ao aspecto extrínseco, muito mais precioso que o intrínseco, pretexto ou causa comum de malabarismo com que se espantam os incautos. Sempre tem sido assim, criando-se uma como liturgia, crescidos os rituais e inventados a mais os dogmas, com que se cerram limites aos circunstantes, considerados profanos ou infiéis. Ciência de poucos, impenetrável à maioria que, por ser maioria, é a dona inquestionável de uma língua.

Para Afrânio, ainda, um escritor como Machado de Assis, ou um orador como Antônio Vieira, construtores de monumentos de uma língua, promovendo razões para o seu estudo com a bondade e a formosura do enriquecimento, louvava-se tanto quanto um filólogo, porque, se este rebusca as belezas e propriedades da língua, encarecendo-as, aquele as manifesta, publicando os proveitos de serem imitadas. Por isso, quando nos chegou Afrânio, com o exemplo do seu trabalho útil, que não o cansou nunca, e com as luzes da sua experiência, solicitou que lhe déssemos Vieira como patrono. E teve-o, como quisera. Tínhamos-lhes percebido o alcance da escolha.

Vieira, português de nascimento e brasileiro por criação, era-lhe um símbolo, significando, com o lustre da língua bem falada e bem escrita, a verdade da aproximação, edifício eterno da ponte de aliança entre o passado e o futuro de duas pátrias; Afrânio, o educador ao lado do filólogo, firmou a mensagem de que, amando-se a Portugal, como ele o fez, mais se amaria ao Brasil. A tradição, com as fontes na história, é o canto cimentado de uma pátria. A tradição, no respeito que inspira, é a chave da coesão consciente de um povo.

O culto a Camões, arraigando-o a indagações preciosas, acentuou como exemplo a necessidade frequente de se preservar a língua, o patrimônio máximo. Que se lhe considere o prodígio que não tem conta, alongando-se, meio de a generosidade do sentimento se propagar feita pensamento augusto.

Não haveria exagero no aventar-se que amplia a pátria, anulando distâncias, pelo entendimento comum. A prova, palpitante e fecunda, entre brasileiros, já se tivera, ganhando-se a união histórica e política. O patriota, que a apreciava como educador, exultava de o indicar, sentido-lhe a ela outras prendas e condições. Na América, diferenciando-nos, é também motivo relevante do nosso orgulho. Na Europa, salientadas razões idênticas, considera o orgulho principal dos portugueses.

Tudo o que se fizesse ou se faça em seu louvor, louvando-se no poeta extraordinário, o seu renovador e imortalizador, não seria nem será sobejo. Por isso, Afrânio tomara a si o encargo de, solicitando a ajuda de outrem, tão experiente quão sapiente, relatar e reunir os cinco mil vocábulos que valeram na traça do poema

glorioso. *O Dicionário dos Lusíadas* é obra de fé e amor, com que se prova ao grande gênio a gratidão no Brasil. Afrânio ideou-o e levou-o a cabo, reassegurando a nossa cultura no cuidado de sermos os primeiros no pensar-se a importância de uma gramática do poema, esboçando-a e ordenando-a como introdução ao *Dicionário*.

Tudo se lhe pautava pela certeza do entusiasmo no culto ao poeta. O entusiasmo, na sinceridade, afiançava-lhe o cuidado miúdo na investigação da obra extraordinária. Realça-lhe pormenores, facetas e até aspectos nunca antes cogitados. O épico e o lírico, inseparáveis no homem, não se podendo escolher qual dos dois é o maior, merece-lhe o carinho da análise e da exaltação. A epopéia, entre todas, é inigualável, sendo a única em glorificar uma raça, - bíblia de civismo. Não se inventara um herói, a quem se atribuissem façanhas magníficas; mas, nomeando-se próceres, retrata-se um povo que ilustrou feitos reais na bravura de engrandecer a pátria e o mundo. Era o herói contra o qual a vida não teve poder de empeçar os empreendimentos, nem a própria morte, sobrevivendo com a glória. Herói real e atual em qualquer época, percuciente e em guarda contra os inimigos da pátria e da cristandade, único feito de empenho como exemplo. Maior que todos, o poeta erguera alto o canto da civilização do Ocidente. Aos olhos de Afrânio, ávido e inquieto, isto só não bastaria. O poeta espanta por omnímodo na sabedoria, triunfo do humanismo. Sem livros, senão só com a memória dos que lera, o poema e o *Parnaso* são como uma enciclopédia dos conhecimentos do tempo. Para aumento do nosso assombro, Afrânio mostra-lhe a firmeza da sapiência, apontando-lhe a erudição nas coisas da medicina. Documenta com fatura, sem escape de um pormenor. Aqui, Afrânio estima uma das mais valiosas contribuições ao camonismo.

O lírico apaixona-o. Perscruta e indaga. A vida amorosa do poeta é-lhe objeto obstinado de pesquisas tenazes. A nota de um documento que se achara na Biblioteca do Porto, veraz e irretorquível, enseja-lhe novo e maior empreendimento. Seria uma novidade a mais, cheia do encanto de que haveriam de irrorar outras luzes sobre o cantor máximo. Num golpe, que se poderá dizer de audácia, bendita audácia, investigando a respeito de um tópico de Diogo do Couto, conjectura a reconstrução do poema, em que se vive um doloroso romance de amor, passado em Macau. Arguto e especioso, Afrânio ajunta as peças desgarradas que deveriam ter formado o lindo poema, em que se ilumina a infinita saudade da mulher, que se celebrou na obediência da paixão. A chinesinha modesta recorda-se na transliteração de um nome oriental em *Dinamene*. Como se teria chamado na língua natal? *Ti-nan-men!* Advertenos com inteligência que o teria sido. Os chineses apraziam-se, como se aprazem, em pôr às mulheres nomes suaves, sabendo a uma esquisitice que bem se insinua segundo a própria esquisitice da raça. Em coisas femininas e de amor os chineses atestam a longa esteira de um romantismo que antecede em milhares de anos o surto ocidental do romantismo. Nenhum povo leva as lampas ao chinês no sentimento lírico, caráter delineante da sua raça. Afrânio compreende-o sutil e profundamente.

Ao amor de uma chinesa, submissa e admirativa, só poderia corresponder o amor de um português, como Camões, impetuoso e esplêndido. A ternura passiva da

oriental só um Camões a compreenderia na gratidão da sua ternura passiva da oriental só um Camões a compreenderia na gratidão da sua ternura exaltada de peninsular. Todos os versos que a esse critério, paciente e com agudeza de exame, Afrânio reuniu, seriam aqueles de lástima e sofrimento, versos de saudade sem termo e sem remédio. Afrânio, reconsiderando o infortúnio do poeta, assegura a reconstrução do poema que se supunha perdido, estando fragmentado depois do roubo do seu *Parnaso*.

Obra de amor e de fé para Afrânio, para nós aproveita-se como a reconformação do amor do poeta a uma mulher e da sua fé na sinceridade dessa mulher.

Afrânio, recompondo o poema, permitiu-nos conhecer a bíblia de um infeliz e extraordinário amor, o mais lindo e o mais profundo livro de amor amado durante o Renascimento.

Aqui me detenho. A recomposição do poema de *Dinamene* é o maior título com que se poderia galardoar um camonista de raça.

NOTA – pesquisa realizada pelo acadêmico Manoel Pinto Ribeiro